

EDUCAÇÃO FINANCEIRA *VERSUS* ENDIVIDAMENTO: UM ESTUDO REALIZADO NA CIDADE DE FARROUPILHA-RS

Ana Cátia Tonelotto^a

^aAdministradora com ênfase em Gestão de Negócios. Faculdade da Serra Gaúcha. anacatia.adm@gmail.com

Informações de Submissão

Ana Cátia Tonelotto, endereço: Rua Os
Dezoito do Forte, 2366 - Caxias do Sul -
RS - CEP: 95020-472.
Recebido em: 02/12/2015.
Aceito em: 31/12/2015.
Publicado em: 09/05/16.

Palavras-chave

Educação Financeira. Endividamento.
Farroupilha.

Keywords

Financial Education. Debt. Farroupilha.

Resumo

O presente estudo tem o objetivo geral de identificar a relação existente entre educação financeira e o endividamento na cidade de Farroupilha-RS, enquanto que os objetivos específicos são identificar o nível de educação financeira neste município, analisar se a escolaridade desses indivíduos influencia nesta educação e se a faixa de renda mensal própria aumenta a capacidade das pessoas em gerenciar o seu dinheiro. No embasamento teórico, foram apresentados inicialmente, os conceitos e teorias sobre finanças comportamentais e pessoais, educação financeira e como ela é aplicada no Brasil, e por fim, o endividamento. Realizou-se uma pesquisa *survey* com 388 habitantes desta cidade e como instrumento de coleta de dados adotou-se um questionário estruturado que seguiu o modelo de Potrich (2014), composto por trinta e três questões que abordaram temas como o perfil do indivíduo, renda, ocupação, planejamento, controle financeiro, situação financeira e por fim as questões relacionadas ao conhecimento financeiro da amostra dividindo-se em básicas e avançadas. A partir deste, sustentou-se o levantamento dos dados quantitativos. Após utilizou-se ferramentas estatísticas descritivas para analisar os dados. Como principais resultados do estudo constatou-se que Farroupilha conta com um nível de educação financeira considerado bom, e que existem fatores que influenciam este nível, e o que se destaca na região é o nível de escolaridade. O estudo finaliza com a presente conclusão sobre educação financeira e sugestão para trabalhos futuros.

Abstract

The aim of this study is to identify the relationship between financial education and debt in the city of Farroupilha-RS, while the specific objectives are to identify the level of financial education in this municipality, analyzing the educational influence on financial education and the track own monthly income increases the ability of people to manage their money. In the theoretical basis, were initially introduced, the concepts and theories of behavioral and personal finance, financial education and how it is applied in Brazil, and finally the debt. We conducted a survey research with 388 inhabitants of this city and as data collection instrument adopted a

structured questionnaire that followed the model of Potrich (2014), composed of thirty-three questions covered topics such as the individual's profile, income, occupation, planning, financial control, financial situation and finally issues related to financial knowledge of the sample divided into basic and advanced. From this, it was argued the survey of quantitative data. After we used descriptive statistics tools to analyze the data. The main results of the study consisted that Farroupilha has a financial education level considered good, and that there are factors that influence this level, and what stands out in the region is the level of education. The study ends with this conclusion on financial education and suggestions for future work.

1 INTRODUÇÃO

As transformações que o mundo vem enfrentando em decorrência da globalização e da economia, a rapidez das comunicações, os sistemas avançados de processamento e transferência de dados têm afetado levemente o modo de vida das pessoas, seus sonhos e objetivos, obrigando-as a uma nova postura frente ao gerenciamento financeiro pessoal (MELLO, 2010).

Diante de um cenário de grandes mudanças, unido ao aquecimento econômico brasileiro à explosão de créditos fáceis, é indispensável atenção à forma como os indivíduos estão interagindo com elas. A qualidade das decisões financeiras pode influenciar em toda a economia, pois estão intimamente ligadas aos problemas como: inadimplência, endividamento e falta de capacidade de planejamento em longo prazo (VIEIRA; BATAGLIA; SEREIA, 2011).

O endividamento dos brasileiros é um fator preocupante, segundo a Pesquisa Nacional de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (PEIC), publicada em fevereiro de 2015, pela Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC). O percentual de famílias que relataram ter dívidas entre cheque pré-datado, cartão de crédito, cheque especial, carnê de loja, empréstimo pessoal, prestação de carro e seguros alcançou 57,8% em Fevereiro de 2015, e em Março do mesmo ano esse índice aumentou passando para 59,6%. No entanto, em relação aos dados de 2014, o percentual obtido em 2015 permaneceu abaixo, quando 61% das pessoas declararam endividadas (PEIC, 2015).

Orientar a sociedade sobre como lidar com suas finanças pessoais, bem como controlar o consumo, poderá minimizar este problema. A educação financeira vem ganhando espaço nas mais diversas discussões econômicas e sociais. A mudança que o setor econômico vem sofrendo, bem como o crescimento da competitividade, exige por parte dos indivíduos novas habilidades e posturas. Para Halfeld (2001), a educação financeira é essencial aos

consumidores para auxiliá-los a orçar e gerir sua renda, além de orientá-los a poupar e investir. Através desta educação, consumidores e investidores aperfeiçoam sua compreensão em relação aos produtos financeiros, desenvolvem habilidades e segurança para se tornarem mais conscientes dos riscos e oportunidades financeiras.

Diante deste contexto, o presente trabalho acadêmico tem como objetivos específicos identificar o nível de educação financeira em Farroupilha, analisar se a escolaridade dos indivíduos influencia nesta educação e também se a faixa de renda mensal própria aumenta a capacidade dos indivíduos em gerenciar o seu dinheiro. O propósito do objetivo geral será identificar a relação existente entre educação financeira e o endividamento.

O índice de endividamento e inadimplência vem crescendo em todo o Brasil. Segundo a Câmara de dirigentes Lojistas (CDL), o número de inadimplentes em Farroupilha cresceu 4,72%, comparado com os primeiros cinco meses de 2015 em relação a 2014. O dado de levantamento mensal realizado pelo Sistema de Proteção ao Crédito (SPC) de Farroupilha demonstra um crescimento de consumidores que não estão conseguindo cumprir com seus compromissos financeiros. Hoje, a cada 100 consumidores consultados no SPC, 33 possuem registros na base de dados. O SPC Nacional confere o aumento elevado em relação à inadimplência, todavia o sul do país é a região com menor taxa de endividamentos. Entretanto, o problema de pesquisa deste trabalho acadêmico será identificar e analisar qual é a relação existente entre a educação financeira e o endividamento?

A situação que estamos vivenciando em nosso país é preocupante, segundo Potrich (2014) no ambiente cultural, na qual a sociedade está inserida, exige cada vez mais autosuficiência e responsabilidade dos indivíduos, tornando a educação financeira uma ferramenta essencial para uma vida adulta bem sucedida. Portanto, este estudo se justifica primeiramente por identificar o nível de educação financeira na cidade de Farroupilha. Em seguida, analisar os dados coletados, identificando, através de métodos estatísticos, a relação entre a Educação Financeira e o endividamento nesta Cidade. A relevância do estudo direciona-se à medida que os resultados, aqui auferidos, poderão contribuir para o desenvolvimento e para o fomento da educação financeira, reduzindo assim, o nível de endividamento na cidade citada anteriormente.

Os métodos utilizados para atingir os objetivos e a problemática deste estudo caracterizam-se como uma pesquisa descritiva de caráter exploratório. Gil (2010), afirma que as pesquisas descritivas têm como principal objetivo a descrição das características de uma determinada população. Subsequente, as exploratórias proporcionam familiaridade com o problema tornando-a mais explicativa. A forma de abordagem caracteriza-se como

quantitativa, pois Prodanov e Freitas (2013) consideram nessas pesquisas tudo aquilo que pode ser quantificável, ou seja, significa traduzir as opiniões e informações em números para classificá-las e analisá-las. Utilizou-se uma pesquisa de levantamento (survey), segundo Gil (2010), nessas pesquisas não são entrevistados todos os integrantes da população estudada, do mesmo modo, mediante procedimentos estatísticos uma amostra significativa de indivíduos é selecionada e entrevistada. Para a coleta dos dados empregou-se um questionário estruturado ao modelo de Potrich (2014).

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Finanças pessoais

Conforme Silva (2004), finanças é um ramo da economia que trata do relacionamento da obtenção e a gestão do dinheiro, bem como dos recursos ou capital, por parte de uma pessoa ou empresa. É possível definir finanças como uma arte de conduzir os valores e os instrumentos envolvidos na transferência de dinheiro entre pessoas, negócios e governos. Na sociedade moderna, caracterizada pelo consumo, o dinheiro, muito além de constituir riqueza e poder, é um item básico, independente da classe social.

Para Savoia, Saito e Santana (2007), finanças pessoais é uma ciência que estuda a aplicação de conceitos nas decisões financeiras de um indivíduo ou família. Essa teoria é considerada eventos financeiros de cada indivíduo para auxiliar no planejamento. Estudos como orçamento doméstico, cálculos de investimento, gerenciamento de conta corrente, acompanhamento do patrimônio e dos gastos podem ser exemplos de tarefas de finanças pessoais. De acordo com Cerbasi (2009), a importância de organizar a vida financeira é para que haja maior controle sobre o uso do dinheiro, maior consciência nas escolhas e maior eficiência no uso da renda. O mesmo autor ressalta que quanto mais se exercita a organização financeira, mais disciplinada é a vida, com isso, mais organização se adota em outras áreas. O crescimento econômico aliado a estabilidade inflacionária vivida nos últimos anos, estimula os indivíduos a uma grande reflexão a respeito da maneira de lidar com o dinheiro. Os brasileiros que antes eram obrigados a consumir tudo que recebiam para não perderem a capacidade de compra, restringida constantemente devido à alta inflação, tiveram que resgatar seus hábitos de gestão do dinheiro. Nos últimos anos houve um considerável aumento da oferta de crédito, juntamente com o consumo (CLAUDINO; NUNES; SILVA, 2009).

Pinheiro (2008) aponta que as diversificações de produtos são de certa forma muito benéficas, mas por outro lado, o nível de conhecimento que é preciso ter para compreender essa diversidade ficou muito longe do entendimento que detemos. Ressalta que o incremento da oferta de crédito, associado ao desconhecimento financeiro, é uma combinação que vem resultando em índices elevados de empréstimos e inadimplência. Afirma que o desconhecimento financeiro pode submeter uma pessoa desinformada a dívidas excessivas, investimentos equivocados, taxas de juros altíssimas, entre outras práticas enganadoras. Rochman (2007) complementa que assim, como a velocidade das mudanças nos mercados, novas formas de crédito e financiamento vêm surgindo, o que exige das pessoas físicas um melhor planejamento das suas finanças pessoais.

Vieira, Bataglia e Sereia (2011) prelecionam que qualidade das decisões financeiras particulares pode influenciar em toda a economia, estando fortemente ligadas aos problemas como: a inadimplência, endividamento familiar e falta de capacidade de planejamento de longo prazo. Lizote, Simas e Lana (2012) afirmam, que desta forma, quando os indivíduos planejam suas finanças se deparam com a necessidade de destinar recursos para a satisfação das necessidades básicas e desejos de consumo. Apontam que é possível tratar das finanças pessoais como uma área de conhecimento sistemático e transmissível, no âmbito da ciência econômica é uma necessidade contemporânea. O não planejamento da vida financeira leva aos gastos supérfluos e impede a oportunidade de obter uma poupança ou investimentos rentáveis para a vida pessoal, que traga garantias futuras (VERDINELLI; LIZOTE, 2014).

Segundo Mello (2011) a elaboração de um planejamento financeiro familiar não se delimita apenas a anotar os valores e gastos e ver se o salário irá ser suficiente para cobrir todas as obrigações do mês. É necessário montar um orçamento para que não escape nenhum valor, conseqüentemente, um planejamento a fim de minimizar o máximo das despesas e poupar para o futuro. Conforme Martins (2004) fazer um planejamento pode ser definido como ato de estimar a renda familiar, definir metas de resultado e fixar despesas.

Numa economia baseada em moeda e crédito, as finanças pessoais compreendem a forma de lidar com o dinheiro, sendo dele próprio ou de terceiros, para ter acesso às mercadorias bem como a alocação de recursos físicos, força de trabalho e ativos pertencentes ao indivíduo e finalidade de obter dinheiro e crédito (LIZOTE; SIMAS; LANA, 2012).

2.2 Educação financeira

Educação em geral é uma arte que envolve todos os indivíduos em um processo de ensinar e aprender, com isso, melhora e aprofunda seus conhecimentos. Educação financeira é o modo pelo qual o indivíduo busca adquirir conhecimentos necessários para gerenciar coerentemente suas finanças e tomar decisões corretas, ou seja, que tenha plena capacidade em administrar suas receitas recebidas (LIZOTE; SIMAS; LANA, 2012).

Na percepção de Verdinelli e Lizote (2014) o valor da educação financeira compreende na inteligência de ler e interpretar números, isto é, empregar as informações para constituir um planejamento financeiro que garanta um consumo equilibrado com as finanças pessoais. Quando esse nível de educação é obtido e aperfeiçoado, os indivíduos planejam seu futuro para juntarem ativos e possuírem um nível satisfatório de renda.

De acordo com Anderloni e Vandone (2010) a educação financeira pode ser entendida como uma medida preventiva, permitindo que os indivíduos tenham condições de entender problemas financeiros e gerenciar suas finanças pessoais de forma satisfatória, evitando o endividamento. Costa (2004) evidencia que a educação financeira é importante aos consumidores para auxiliá-los a orçar e gerir sua renda, além de orientá-los a poupar e investir.

Pinheiro (2008) enfatiza que no dia a dia, as pessoas realizam atividades relacionadas aos seus recursos financeiros, como abrir uma conta bancária, planejar o orçamento familiar, financiar a casa própria ou simplesmente optar por pagar uma conta com o cartão de crédito. A tomada dessas decisões requer informação e formação adequada, do modo que os usuários serão capazes de escolher a opção que provavelmente lhe trará mais benefícios. O controle daquilo que se ganha e do que se gasta é fundamental para o equilíbrio financeiro, ressalta Pinheiro (2008). Cerbassi (2009) discorre que a riqueza não depende do que se ganha, mas sim da maneira como se gasta. Com uma renda baixa é possível construir um padrão de vida confortável e de forma consciente mantê-la no futuro. Da mesma forma rendas mais altas podem não garantir a sustentabilidade de um padrão de vida, devido à falta de controle do dinheiro que se recebe.

É comum atribuir significado ao dinheiro e isso reflete no comportamento de gastar, investir, economizar e doar. Para algumas pessoas, o dinheiro pode ser fonte de prestígio e reconhecimento social, para outros assume aspecto de angústia, gerando perturbações emocionais. (REIS; MATSUMOTO; BARRETO, 2013)

Um nível adequado de educação financeira aos cidadãos, em qualquer etapa da vida, pode trazer benefícios em todas as idades, durante seu ciclo de vida e a todos os níveis de rendimento, beneficiando igualmente a economia e a sociedade no seu conjunto. (PINHEIRO,

2008). Claudino, Nunes e Silva (2009) estabelecem que os indivíduos financeiramente educados são importantes para o desenvolvimento da economia, uma vez que estes, na maioria das vezes, formam poupança. O governo é um agente deficitário, em que os recursos poupados pelas famílias representam uma importante fonte de financiamento para os setores da economia.

Claudino, Nunes e Silva (2009) ressaltam que ainda no campo de educação em finanças encontra-se um importante item: investir é o caminho da garantia ou melhora do futuro em relação ao que se tem hoje. As decisões nessa área devem ser embasadas no conhecimento sobre o assunto, isso quer dizer que o investidor deve tomar suas decisões mediante o conhecimento sobre o tipo da aplicação escolhida, os riscos que ela oferece ou situações que geram ganhos e perdas, e principalmente as alternativas mais rentáveis do mercado. Destacam que com a educação financeira é possível entender a dinâmica dos juros compostos, que permite obter um montante muito maior que o valor aplicado. Investir é bem diferente de poupar, investir não é apenas recusar o consumo no presente para o consumo no futuro, é um conceito muito mais amplo, que é de ser remunerado pela poupança feita no presente, para que se atinja um montante desejado no futuro (CLAUDINO; NUNES; SILVA, 2009).

Wisniewski (2011) legitima que será através da educação financeira que os indivíduos consumidores e investidores aperfeiçoam seu entendimento sobre os produtos financeiros, consequentemente desenvolvem habilidades e segurança para se tornarem mais conscientes sobre os riscos e oportunidades financeiras. Dessa forma, far-se-á escolhas de onde buscar ajuda, melhorando assim sua relação com as finanças. Os autores ressaltam que além das habilidades, que é possível obterem com a educação financeira, é possível também ter mais confiança nas tomadas de decisões. Essas decisões e habilidades podem melhorar a capacidade de um indivíduo explorar alternativas e oportunidades, visando dessa forma, alcançar objetivos pessoais. Saivoia, Saito e Santana (2007, p. 1125) “[...] não há como negar que a educação financeira é fundamental na sociedade brasileira contemporânea, visto que a influenciam diretamente às decisões econômicas dos indivíduos e das famílias”.

2.3 Como a educação financeira é realizada no Brasil

A educação financeira está se tornando uma preocupação em todo o mundo, no Brasil ela é pouco explorada, na maioria dos colégios não existem matérias sobre dinheiro, orçamento familiar e pessoal. Nas faculdades, em várias áreas o tema é novamente ignorado,

no entanto, essa carência de informações abre espaços cada vez maiores para estudos sobre o tema. Não existe uma unanimidade que essas ações tenham um alto grau de aceitação e penetração em todas as classes e fatias da sociedade, porém, é indiscutível que o assunto não pode ser abandonado ou negligenciado no planejamento público e privado para a sociedade (SAVOIA; SAITO; SANTANA, 2007).

Países desenvolvidos, como os Estados Unidos, colocaram a disciplina de educação financeira nas grades curriculares de escolas secundárias. No Reino Unido essa disciplina é ofertada em caráter optativo nas escolas, mas a oferece através do mercado, pelos setores econômicos, como exemplo, através das Instituições Financeiras (VIEIRA; BATAGLIA; SEREIA, 2011).

No Brasil o tema ainda não ganhou as mesmas dimensões. Fernandes e Candido (2014) afirmam que as políticas públicas e diretrizes do Ministério da Educação (MEC) não incluem a educação financeira como requisito necessário para o desenvolvimento da população na sua vida adulta. Para o MEC a base multidisciplinar obtida durante o ciclo de vida escolar deve ser suficiente para que todos tenham conhecimentos e habilidades para administrar suas receitas e despesas.

Existem algumas iniciativas independentes ou por parte de algumas instituições públicas e privadas que contribuem para a informação do consumidor, mas ainda está abaixo da transferência de conhecimentos financeiros necessários à decisão de mercado e de negócios por parte da população. (VIEIRA; BATAGLIA; SEREIA, 2011).

Savoia, Saito e Santana (2007) ressaltam que é evidente que, no Brasil, as autoridades não desempenham a função de capacitar a população adequadamente para a tomada de decisões no domínio financeiro. Organizações privadas, como a Bovespa, por exemplo, e algumas empresas e bancos desenvolvem práticas para diminuir essa lacuna e guiar os clientes e usuários dos seus produtos. No entanto, tais ações meritórias são insuficientes para alterar a situação da população, com os produtos destinados às pessoas físicas em franca expansão.

2.4 Endividamento

A educação financeira e o endividamento estão conectados. Esse ensino coopera com o sistema econômico, pois permite aos agentes consumir produtos e serviços financeiros de forma adequada, reduzindo o descumprimento de obrigações com terceiros (PINHEIRO, 2008). Segundo Ferreira (2006), endividamento tem origem do verbo endividar-se e significa fazer ou contrair dívidas. Para Marques e Frade (2003) o endividamento é um saldo devedor

de um agregado, ou seja, o endividamento é a utilização de recursos de terceiros para fins de consumo. Ao tomar posse desse recurso fica estabelecido um compromisso de devolver o montante, com data estabelecida e geralmente acrescido de juros e correções.

O endividamento pessoal não está diretamente ligado à renda do indivíduo, e sim a forma como ele administra as suas receitas e despesas (CERBESI, 2004). Esse endividamento ocorre geralmente pelo desconhecimento financeiro e pelo padrão de consumo imposto pela sociedade, onde as pessoas tendem a consumir produtos em busca de status e de identificação a grupos sociais (DIAS, 2013). Os problemas financeiros geralmente decorrem de escolhas e decisões erradas, onde a ausência de planejamento financeiro é um fator determinante para o mau endividamento. Na maioria das vezes, orçamento, planejamento financeiro, dinheiro e controle de gastos não fazem parte das famílias e isso pode se tornar verdadeiras armadilhas (CERBASSI, 2004). Barbosa, Silva e Prado (2012) apontam que o planejamento financeiro se destaca dentre as diversas formas de planejamento. Essa ferramenta pressupõe o estabelecimento e obediência de uma estratégia precisa, ou seja, onde estou e onde quero chegar, dirigida para a acumulação de bens e valores que irão formar um patrimônio. Uma renda alta não garante um conforto financeiro, assim como um salário baixo não implica que uma pessoa não possa formar uma poupança adequada as suas necessidades.

A falta de planejamento leva as pessoas a assumirem riscos e perdas, ou seja, um indivíduo que não possui controle de seus gastos e consome por impulso, poderá encontrar dificuldade na liquidação das suas dívidas e ainda deixar de utilizar a renda disponível em atividades relevantes como investimentos, poupança e ainda em aquisições de bens que proporcionem melhoria na qualidade de vida (BARBOSA; SILVA; PRADO, 2012).

3 METODOLOGIA

3.1 Métodos de pesquisa

Para a elaboração deste trabalho utilizou-se o método exploratório de caráter descritivo. Gil (2010, p. 27) afirma que:

As pesquisas exploratórias têm como propósito proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas e torná-lo mais explicativo ou a construir hipóteses. Seu planejamento tende a ser bastante flexível, pois interessa considerar os mais variados aspectos relativos ao fato ou fenômeno estudado. As descritivas têm como objetivo a descrição das características de determinada população. Podem ser elaboradas também com a finalidade de identificar possíveis relações entre variáveis.

Prodanov e Freitas (2013, p.52) corroboram que as pesquisas descritivas, os fatos são observados, registrados, analisados, classificados e interpretados, sem que o pesquisador interfira sobre eles, ou seja, os fenômenos do mundo físico e humano são estudados, mas não são manipulados pelo pesquisador. A exploratória caracteriza-se quando a pesquisa se encontra na fase preliminar, aderindo à finalidade em proporcionar mais informações sobre o assunto que irá ser investigado, possibilitando sua definição e seu delineamento, isto é, facilitar a delimitação do tema da pesquisa; orientar a fixação dos objetivos e a formulação das hipóteses ou descobrir um novo tipo de enfoque para o assunto.

A forma de abordagem deste estudo caracteriza-se como quantitativa. Prodanov e Freitas (2013) destacam que a pesquisa quantitativa considera que tudo pode ser quantificável, o que significa traduzir em números, opiniões e informações para classificá-las e analisá-las. Já Diehl e Tatim (2004) corroboram que a pesquisa quantitativa caracteriza-se pelo uso de quantificação tanto na coleta quanto no tratamento das informações por meio de técnicas estatísticas. De acordo com o objetivo do estudo, buscou-se analisar a relação existente entre a educação financeira e o endividamento das pessoas na cidade de Farroupilha, sendo utilizada uma pesquisa de levantamento (survey). Prodanov e Freitas (2013, p.57) afirmam que as survey, ocorrem quando envolve a interrogação direta das pessoas, cujo comportamento desejou conhecer através de algum tipo de questionário. Em geral, procedemos à solicitação de informações a um grupo significativo de pessoas acerca do problema estudado. Em seguida, mediante realização de análise, obter as conclusões correspondentes aos dados coletados. Entre as principais vantagens dos levantamentos, estão: conhecimento direto da realidade, economia, rapidez e quantificação (PRODANOV, FREITAS 2013).

Como instrumento de coleta de dados foi utilizado um questionário estruturado, seguindo o modelo de Potrich (2014). A partir deste, sustentou-se o levantamento dos dados quantitativos, analisa a educação financeira, através do conhecimento e da atitude, além de questões acerca da origem, do controle, do planejamento e da situação financeira dos indivíduos.

3.2 Delimitações da população ou do objeto de estudo e amostragem

A população alvo do presente estudo foi composta pelos habitantes na cidade de Farroupilha, Estado do Rio Grande do Sul. Em relação à amostra, Prodanov e Freitas (2013,

p.97) as pesquisas abrangem um universo de elementos muito grande, que se torna impossível considerá-la em sua totalidade. Por essa razão é muito frequente trabalhar com uma amostra, ou seja, com uma pequena parte dos elementos que compõem o universo. Com isso, foi adotado o processo de amostragem, o qual permite selecionar um número adequado de indivíduos de modo que se possam fazer generalizações de forma confiável (MATTAR,2005).

Neste caso, a amostragem utilizada foi a não probabilística, Diehl e Titam (2004) afirmam que “[...] nesse tipo de amostragem não são utilizadas as formas aleatórias de seleção, podendo esta ser feita de forma intencional, com o pesquisador se dirigindo a determinados elementos considerados da população que deseja estudar”.

Para calcular a amostra foi utilizado a calculadora online de amostragem, considerando um nível de confiança de 95% e um erro amostral de 5%. Obteve-se uma amostra final de 383 indivíduos. Após, conhecida a amostra, iniciou-se a pesquisa, o formulário foi composto por 33 questões estruturadas, seguido o modelo de Potrich (2014). Com o auxílio do Software Google Docs a pesquisa inicialmente foi encaminhada para aproximadamente 1.190 endereços de e-mail e também foi publicada em três grupos fechados de Farroupilha, na rede social Facebook. Como o número de respondentes estava limitado, foi impresso 140 questionários, o qual se obteve 93% de aproveitamento, ou seja, 131 questionários respondidos, sendo que os mesmos foram aplicados no núcleo universitário de Farroupilha e também no comércio do centro da Cidade.

3.3 Técnicas de coleta de dados

Caracteriza-se por ser a forma como as informações são coletadas, sendo o método utilizado fundamental para a elaboração das pesquisas. Utilizou-se como instrumento de coleta de dados, na pesquisa bibliográfica, os livros e documentos já publicados. Para a pesquisa quantitativa foi feito um questionário estruturado, aplicado aleatoriamente para as pessoas físicas residentes na cidade de Farroupilha.

Diehl e Titam (2004) corroboram que “[...] utilizando um questionário estruturado e ou padronizado, em que o entrevistador segue um roteiro previamente estabelecido”. Esse tipo de entrevista se realiza a partir de um formulário elaborado e é efetuado com pessoas selecionadas de acordo com um plano.

O questionário foi dividido em três blocos de perguntas fechadas. Na parte inicial estão listadas as questões referentes ao perfil do entrevistado constituído pelas variáveis:

gênero, idade, estado civil, escolaridade, sua ocupação, se possui dependentes, renda mensal própria e familiar. Assim, este bloco é composto por oito questões.

O segundo bloco apresenta 12 questões relacionadas à origem, ao controle, ao planejamento e a situação financeira pessoal, tais como fonte de renda, quem é o responsável por prover os recursos e pagamento das contas, gerenciamento financeiro, conhecimento e origem do mesmo. O seguinte e último bloco foram expostas questões referentes ao conhecimento financeiro básico e avançado, com perguntas objetivas de múltiplas escolhas. O fator é composto por 13 questões que exploraram o nível de conhecimento do respondente em relação à questão de inflação, taxas de juros, investimentos, risco, valor do dinheiro no tempo, mercado de ações, títulos públicos e crédito.

O primeiro conjunto (conhecimento básico) composto por oito questões tinha por objetivo medir habilidades financeiras básicas, como entendimento das questões relacionadas a taxas de juros simples e compostos, o valor do dinheiro no tempo e a operações matemáticas simples. Já o segundo conjunto é dividido por cinco questões sobre conhecimento financeiro avançado, buscando explorar o nível de conhecimento em relação a instrumentos financeiros complexos, tais como ações, títulos públicos, inflação e diversificação de risco.

Desta forma, neste bloco de conhecimento financeiro, o qual é subdividido em duas partes (básico e avançado), é composto por uma média de pontuação, assim sendo, para cada acerto da questão sobre conhecimento básico foi atribuído peso 1,0, totalizando 8 pontos e uma média de 1,0 ponto. Já para cada uma das cinco questões de conhecimento avançado foi atribuído peso 2,0. Assim, o indivíduo que acertou as oito questões de conhecimento básico e as cinco questões do avançado, atingiu uma pontuação média de 3 pontos. Sendo assim, o índice de conhecimento financeiro varia de 0 (pontuação obtida se o indivíduo errar todas as questões) a 3 (pontuação obtida caso o indivíduo acerte todas as questões).

Potrich (2014) determina que de acordo com a pontuação obtida, os respondentes são classificados em: detentores, baixo nível de conhecimento (são os respondentes que obtiveram pontuação inferior a 60%), nível mediano (entre 60% e 79% da pontuação máxima, ou seja, pontuação máxima entre 1,81 e 2,39) e alto nível de conhecimento financeiro (acima de 80% da pontuação máxima, ou seja, pontuação superior a 2,40 pontos).

3.4 Técnicas de análise dos dados

De acordo com Beuren (2009, p.136) “[...] analisar dados significa trabalhar com todo o material obtido durante o processo de investigação”. Através dessa afirmação é possível

concluir que a análise dos dados consiste na transformação de informações coletadas em conclusões úteis para resolver o problema da pesquisa. Para análise dos mesmos foram utilizados métodos estatísticos para a interpretação dos resultados. Para Gil (2008, p.113):

O processo de análise dos dados envolve diversos procedimentos: codificação das respostas, tabulação dos dados e cálculos estatísticos. Após, ou juntamente com a análise, pode também ocorrer à interpretação dos dados que consiste em estabelecer a ligação entre os resultados obtidos com as teorias com base bibliográficas estudadas.

Foram utilizadas técnicas de estatísticas descritivas para análise dos dados coletados a partir dos questionários aplicados, entretanto foi necessário utilizar ferramentas para auxiliar como os softwares Microsoft Excel e SPSS 22.0. Foi utilizada a estatística descritiva, visando caracterizar a amostra e descrever o que mais obteve destaque, em relação a cada pergunta realizada. O objetivo foi traçar um panorama geral do perfil dos respondentes, a principal fonte de renda e sua origem, se realizam ou não um planejamento financeiro e sua situação atual com o dinheiro. Foi calculada a frequência, a média e o desvio padrão para melhor compreender as atitudes dos indivíduos no que tange os fatores investigados. Em seguida foram calculados os níveis e os índices de educação financeira e logo após realizou-se cruzamentos das informações coletadas com esses níveis, com objetivo de identificar o que mais tem influência sobre a educação financeira. Os dados foram apresentados através de tabelas, quadros e gráficos, o que possibilita a visualização e o entendimento destes aos leitores, de forma a sintetizar os resultados obtidos e facilitar a sua análise. Portanto, a metodologia utilizada no cumprimento desta pesquisa, foi considerada satisfatória, já que auxiliou a pesquisadora a obter os conhecimentos necessários para que fosse possível resolver o problema e os objetivos deste estudo.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 Perfil da amostra

No capítulo anterior foi demonstrada a amostra para estudo, que considerou todas as pessoas físicas residentes em Farroupilha, totalizando uma amostra mínima de 383 respondentes, no entanto o número de questionários respondidos alcançou 388 pessoas. Ao analisar os gêneros, percebe-se que 66,5% dos indivíduos pertencem ao gênero feminino. No que tange a idade, nota-se uma variação entre 15 e 78 anos. Observa-se uma média total de 32

anos, e é possível analisar ainda que 50,30% dos entrevistados têm menos de 30 anos. Quanto ao estado civil é possível identificar que 57,7% dos indivíduos são casados e/ou união estável, os solteiros representam 35,8% e o restante pertence ao grupo dos separados, divorciados ou viúvos. Na variável, “se possui ou não dependentes” 55,9% dos entrevistados não possuem outras pessoas que dependam de sua renda.

Sobre a escolaridade da amostra, as maiores frequências destacam-se o nível superior com 55,2% da amostra e os intitulados de ensino médio 22,7%. Em seguida intitula-se os especialistas e MBA (9%), curso técnico (7%), ensino fundamental com apenas 4,9% e com um percentual mínimo os intitulados com Mestrados, Doutorados e Pós Doutorados (1,3%).

Ao analisar as origens e responsabilidades financeiras, percebe-se que 61,10% dos indivíduos possuem uma renda mensal própria entre R\$ 1.400,01 até R\$ 3.500,00. Em seguida, destacam-se aqueles que ficam entre R\$ 700,01 e R\$ 1.400,00 (20,4%), acima de R\$ 3.500,01 (15,3%) e uma parcela muito pouco expressiva (3,4%) ganham até R\$ 700,00. A média desta variável de 3,39 fica entre os salários de R\$ 1.400,01 e R\$ 3.500,00. Com o desvio padrão de 1,132 possibilita estender a faixa média salarial (até R\$700,00 e R\$7.000,00). Na renda familiar encontra-se aproximadamente a metade dos indivíduos na faixa de renda que varia entre R\$ 3.500,01 a R\$ 7.000,00 (46,6%) e apenas 5,60% possuem uma renda familiar de até R\$ 1.400,00. A média salarial fica em torno de 4,48 (salários entre R\$ 2.100,01 e R\$ 7.000,00) e o desvio padrão 1,129 que varia da média.

Na variável sobre fontes de renda familiar, destaca-se o salário com 82,2% como principal fonte de renda familiar dos Farroupilhenses. Em seguida 12,1% dos entrevistados responderam que sua principal fonte vem de ganhos próprios ou provenientes do negócio da família

4.2 Planejamento e controle financeiro

Ao questionar aos indivíduos se realizam ou não planejamento familiar, 69,6% afirmam que “Sim”, este resultado parece ser bom. Vilan e Pereira (2013) complementam que o planejamento financeiro esta cada vez mais em voga, seu objetivo básico é fazer com que as pessoas administrem sua vida financeira, planejando e controlando suas finanças e assim garantir uma melhor qualidade de vida no futuro. Entretanto, ao interrogar os farroupilhenses sobre forma como eles monitoram os gastos é possível perceber, que apenas 32% realmente realizam um planejamento financeiro correto. Para identificar esses 32% que realizam um planejamento financeiro de forma correta, há um cruzamento entre o nível de escolaridade, o

lugar onde aprendeu a lidar com o dinheiro, a situação financeira atual e ainda sobre o controle financeiro (quão difícil considera pagar as contas mensais).

A partir destes cruzamentos identificou-se que o local onde a pessoa aprendeu a gerenciar o dinheiro tem influência sobre este percentual que esta realizando de forma correta o planejamento, 16,5% dos indivíduos que estão fazendo de forma correta e afirmam que o local onde mais aprenderam a gerenciar o seu dinheiro foi em casa com a família. Logo, percebe-se que o nível de escolaridade também tem influência 19,60% tem nível superior. Nas variáveis sobre situação financeira atual e o quão difícil é cumprir com os compromissos financeiros, observa-se que os indivíduos que tem mais do que precisa para pagar as contas e os que consideram fácil pagá-las, aproximadamente 23% em média nas duas questões realizam corretamente o planejamento.

Esta análise é muito importante, entretanto confirma que o planejamento quando feito de forma correta tem resultados, independentemente da renda, alta ou baixa, visto que os indivíduos com renda alta (acima de R\$3.500,00) consideram fácil pagar as suas contas, porém há indivíduos com renda abaixo de R\$ 1.400,00 que também afirmam esta preponderância. Cerbassi (2009) complementa esta análise ao afirmar que a riqueza não depende do que se ganha, mas sim da maneira como se gasta. Com uma renda baixa é possível construir um padrão de vida confortável e de forma consciente mantê-la no futuro. Da mesma forma rendas mais altas podem não garantir a sustentabilidade de um padrão de vida, devido à falta de controle do dinheiro que se recebe.

4.3 Situação financeira da amostra

Conforme analisado no item anterior, os farroupilhenses estão em uma faixa de renda própria que varia entre R\$ 1.400,00 a R\$3.500,00, a renda familiar é um pouco mais alta R\$ 2.100,01 a R\$ 7.000,00. Ao questioná-los como avaliam a situação do dinheiro em sua família, destaca-se 51% da amostra, que afirmam pagar todas as contas e tem o suficiente para gastos esporádicos. Um percentual significativo de 29,1% confirma que “usualmente tem mais do que precisa para pagar as contas e podem economizar ou comprar coisas extras”. Este resultado é muito bom, visto que é possível considerar que 80,1% da amostra estudada estão financeiramente bem. Contudo, ressalta que 15,5% pagam as contas, mas não tem o suficiente para gastos esporádicos e que 4,4% não consegue pagar as contas do mês. Para identificar esses 19,9% que declaram não estar em boas condições financeiras, realizou-se um cruzamento entre a situação atual e a faixa de renda familiar.

A partir desta análise, é possível afirmar que os 19,9% que não estão em uma situação financeira muito boa, 12,6% estão entre as faixas de renda R\$ 2.100,01 até R\$ 7.000,00, e o restante está disperso entre as outras rendas. Mas, vale ressaltar que esses indivíduos estão com a renda na média da amostra, e constata-se também que a renda não é o motivo maior por estes indivíduos estarem nesta situação, descontrole nos gastos, ou seja, a falta de planejamento familiar pode ser uma causa para esses indivíduos.

Para identificar se esses 19,9% que estão com condições financeiras precárias, estão realizando um planejamento financeiro, realizou-se um cruzamento entre essas duas variáveis, e foi possível identificar que 12,7% não realizam um planejamento correto. Coincidentemente esses mesmos indivíduos estão em uma faixa de renda alta, então se confirma a importância da educação financeira, saber realizar um planejamento correto têm influência sobre a situação atual.

4.4 Conhecimento financeiro dos Farroupilhenses

Para avaliar o nível de conhecimento financeiro da amostra, dois grandes grupos de questões sobre educação básica e avançada foram lançadas aos entrevistados. O primeiro conjunto se refere à educação básica e é constituído por oito questões. O segundo conjunto sobre educação avançada em finanças constituído por cinco questões. O nível de conhecimento foi classificado em baixo, mediano e alto, sendo que para medir esses níveis foram atribuídos pontos para cada alternativa, sendo que para cada acerto das questões de educação básica valem 1 ponto e das avançadas 2 pontos, então os indivíduos que acertarem as 13 questões terão uma média de 3 pontos.

O conjunto de questões sobre conhecimento básico teve por objetivo mensurar o entendimento dos indivíduos quanto a aspectos corriqueiros, como a taxa de juros simples e compostos, valor do dinheiro no tempo e operações matemáticas simples. O segundo conjunto de questões, de conhecimento avançado, buscou explorar o nível de conhecimento em relação a instrumentos financeiros mais complexos bem como rentabilidade, investimento, inflação e sobre custo de vida. Para a classificação dos níveis de educação financeira seguiu-se o modelo de Potrich (2014), em que o nível baixo será aos indivíduos que obtiverem pontuação inferior a 60% dos acertos, para nível mediano entre 60% e 79% dos acertos, ou seja, pontuação entre 1,81 e 2,39 e o alto nível de conhecimento será acima de 80% dos acertos.

A partir desta análise, é possível afirmar que Farroupilha tem um bom nível de educação financeira, visto que entre o nível alto e médio somam 68% da amostra. A

pontuação média do nível alto foi 2,65, é possível destacar que a pontuação mais alta chegou a 2,88 pontos, no entanto nenhum indivíduo acertou todas as questões. Já a média do nível mediano foi 2,13 pontos, ou seja, acertaram 71% das questões. O que preocupa é o nível baixo, representando 32% da amostra, que é um percentual bastante alto. Ao analisar a média de pontuação, obtém-se 1,20 pontos por pessoa, isso significa que em média os indivíduos acertaram apenas 40% das questões.

Assim que os níveis de educação financeira foram encontrados, realizou-se cruzamentos para identificar qual variável apresenta mais influencia. As análises foram realizadas com as variáveis gênero, escolaridade, renda, situação financeira atual, local onde aprendeu a lidar com o dinheiro e se realizam ou não planejamento. No entanto é possível afirmar que a escolaridade, a situação financeira e se realizam ou não planejamento foram às variáveis que mais tiveram influencia sobre o nível de educação financeira.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a importância da educação financeira, este trabalho, teve como objetivos específicos identificar o nível de educação financeira em Farroupilha, analisar se a escolaridade dos indivíduos influencia nesta educação e também se a faixa de renda mensal própria aumenta a capacidade dos indivíduos em gerenciar o seu dinheiro.

Entretanto, conclui-se que o nível de educação na cidade de Farroupilha pode ser considerado bom, visto que 68% da amostra podem ser classificados entre o nível alto e mediano, porém existem 32% dos indivíduos considerados de baixo nível, o que é um tanto preocupante. Ao observar se o nível de escolaridade possui influência sobre a educação financeira, conclui-se que sim, quanto mais escolaridade, mais alto o nível de conhecimento na área financeira. Exemplo disso é que nos níveis de ensino fundamental, médio e técnico está aproximadamente a metade dos indivíduos considerados de baixo nível (15,2%). Já os níveis de ensino superior, especializados e mestrados detêm uma fatia expressiva de conhecimento financeiro alto e mediano, apresentando 48,60% dos indivíduos considerados com bom conhecimento financeiro nessas escolaridades. No que tange a renda dos indivíduos, percebeu-se que ela não tem influencia sobre nível de educação financeira, logo notou-se, que a renda tem influencia sobre o nível de escolaridade, ou seja, quanto mais alto o nível de escolaridade maior será a renda e simultaneamente, quanto maior a escolaridade mais alto é o nível de educação financeira.

No que diz respeito ao problema de pesquisa e ao objetivo geral deste estudo, que é identificar e analisar qual é a relação existente entre a educação financeira e o endividamento? Como resposta, é possível afirmar que existe relação, pois se justifica que ao questionar aos indivíduos sobre sua situação financeira atual, 19,9% deles considera não estar com boas condições. E ao avaliar em qual faixa de renda esses indivíduos estão, observou-se que 12,6% estão entre as faixas de R\$ 2.100,01 até R\$ 7.000,00, o restante está disperso entre as outras rendas. Ressalta-se então, que a renda não é o motivo por estes indivíduos estarem nesta situação e sim falta de controle financeiro e isso se reflete no conhecimento que a pessoa detém. A falta de planejamento familiar pode ser causa para esses indivíduos, essa afirmação se comprova a partir do cruzamento entre a situação financeira atual e como realiza o monitoramento dos gastos, em que 12,7% dos 19,9%, não realizam um planejamento financeiro de forma correta. Na correlação de *Pearson* o planejamento financeiro foi à única variável que a correlação é considerada alta.

A limitação encontrada para o desenvolvimento deste estudo está associada à amostra, a maioria dos respondentes é intitulada com curso superior, o que possibilitou um aumento do nível da educação financeira. Para trabalhos futuros duas sugestões, a primeira é a replicação desta pesquisa para pessoas físicas com titulação com até o ensino médio, tendo como objetivo de identificar o nível de conhecimento que eles detém. A segunda é também uma replicação, porém para uma amostra de indivíduos de até 18 anos a fim de identificar o nível de educação financeira nos níveis escolares ensino fundamental e médio. Por fim, finaliza-se o estudo com a satisfação da pesquisadora pelos resultados alcançados e também pela satisfação em saber que Farroupilha tem uma população com um bom conhecimento financeiro.

REFERÊNCIAS

ANDERLONI, L. VANDONE, D. **Risk of Overindebtedness and Behavioural Factors.**

In: SocialSciense Research Network, 2010. Disponível em: < http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=1653513>. Acesso em: 05 maio 2015

BARBOSA, Josilene da Silva; SILVA, Marli Auxiliadora da; PRADO, Rejane Alexandrina Domingues Pereira do. **Orçamento Doméstico: sondagem de opinião do consumidor no Pontal do Triângulo Mineiro.** In: Congresso Virtual Brasileiro de Administração, 9., 2012, Uberlândia.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para assuntos jurídicos. **Decreto nº 7.397, de 22 de dezembro de 2010. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília,**

DF, 23 dez. 2010. Seção 1, Edição Extra, p.7. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Decreto/D7397.htm>. Acesso em: 06 maio 2015.

CERBASI, Gustavo. **Casais inteligentes enriquecem juntos**. São Paulo: Gente, 2004.

CERBASI, Gustavo. Como organizar sua vida financeira: Inteligência Financeira na Prática. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

CLAUDINO, Lucas Paravizo; NUNES, Murilo Barbosa; SILVA, Fernanda Cristina. **Finanças Pessoais: um estudo de caso com servidores públicos**. Viçosa/MG, 2009. Disponível em: <<http://www.ead.fea.usp.br/semead/12semead/resultado/trabalhosPDF/724.pdf>>. Acesso em: 26 maio 2015.

COSTA, M. C. **Finanças pessoais: um estado de arte**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade – USP. São Paulo, 2004.

DIAS, Diego da Silva. **Educação financeira e endividamento: um perfil dos cirurgiões dentistas**. 2013. 105 f. TCC (Graduação) - Curso de Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/97000>>. Acesso em: 01 maio 2015.

DIEHL, Astor Antônio; TATIM, Denise Carvalho. **Pesquisas em ciências sociais aplicadas: Métodos e Técnicas**. São Paulo: Pearson, 2004.

ENEF. **O que é ENEF**, Disponível em:<http://www.vidaedinheiro.gov.br/pagina-29-quem_somos_e_o_que_fazemos.html>. Acesso em: 06 abril 2015.

FERNANDES, André Henrique de Souza; CANDIDO, João Gremmelmaier. **Educação financeira e nível do endividamento: relato de pesquisa entre os estudantes de uma instituição de ensino da cidade de São Paulo**. *Revista Eletrônica Gestão e Serviços*, São Paulo, v. 5, n. 2, p.894-913, dez. 2014. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistasims/index.php/REGS/article/viewArticle/4868>>. Acesso em: 01 maio 2015.

FERREIRA, Rodrigo. **Como planejar organizar e controlar seu dinheiro: manual de finanças pessoais**. São Paulo: IOB Thomson, 2006.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 5ed. São Paulo: Atlas, 2010.

HALFELD, Mauro; TORRES, Fábio de Freitas Leitão. **Finanças comportamentais: aplicações no contexto brasileiro**. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 41, n. 2, p.64-71, jun. 2001. Disponível em: <<http://www.spell.org.br/documentos/ver/11595/financas-comportamentais-aplicacoes-no-contexto-brasileiro>>. Acesso em: 06 maio 2015.

LIZOTE, Suzete Antonieta; SIMAS, Jaqueline de; LANA, Jeferson. **Finanças pessoais: um estudo envolvendo os alunos de Ciências Contábeis de uma instituição de ensino superior de Santa Catarina**. *Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia, 2012*. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <<http://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos12/10216156.pdf>>. Acesso em: 26 maio 2015.

MARTINS, J.P. **Educação Financeira ao alcance de todos**. São Paulo: Fundamento. 2004.

MARQUES, M. L. M.; FRADE, C. **Regular o sobreendividamento**. Coimbra, 2003. Faculdade de Economia, Universidade de Coimbra, 2003.

MELLO, Roque Marconi. **Gestão financeira pessoal de funcionários com emprego estável: funcionários do Banco X S.A.** 2011. 56 f. TCC (Graduação) - Curso de Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul., Porto Alegre, 2011. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/36702>>. Acesso em: 30 maio 2015.

POTRICH, Ani Caroline Grigion. **Alfabetização Financeira: Integrando conhecimento, Atitude e comportamento financeiros**. 2014. 178 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal de Santa Maria.

PEIC. **Pesquisa Nacional de endividamento e Inadimplência do Consumidor**. Disponível em:<<http://www.cnc.org.br/central-do-conhecimento/pesquisas/economia/pesquisa-nacional-de-endividamento-e-inadimplencia-do-c-4>>. Acesso em: 05 abril 2015.

PINHEIRO, R. P. **Educação financeira e previdenciária: a nova fronteira dos fundos de pensão**. São Paulo: Peixoto Neto, 2008. Disponível em: <http://www.previdencia.gov.br/arquivos/office/3_090420-113416-244.pdf> Acesso em 26 maio 2015.

PRODANOV, Cleber C; FREITAS, Ernani C. de. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: <<http://www.feevale.br/Comum/midias/8807f05a-14d0-4d5b-b1ad-1538f3aef538/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>>. Acesso em: 02 maio 2015.

REIS, Carlos Vinícius Santos; MATSUMOTO, Alberto Shigueru; BARRETO, Reysson Amaral. **A propensão ao endividamento pessoal no Distrito Federal**. *Revista de Economia e Administração*, Brasília, v. 12, n. 4, p.415-427, dez. 2013. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.11132/rea.2013.783>>. Acesso em: 20 maio 2015.

ROCHMAN, Ricardo R.. **Finanças**. *Revista ERA*, São Paulo, v. 2, n. 1, p.23-23, dez. 2007. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/gvexecutivo/issue/view/1879>>. Acesso em: 01 maio 2015.

SAVOIA, José Roberto Ferreira; SAITO, André Taue; SANTANA, Flávia de Angelis. **Paradigmas da educação financeira no Brasil**. *Revista de Administração Pública*, São Paulo, v. 41, n. 6, p.1121-1141, out. 2007. Disponível em: <<http://www.spell.org.br/documentos/ver/11895/paradigmas-da-educacao-financiera-no-brasil>>. Acesso em: 04 maio 2015.

SILVA, Eduardo D. **Gestão em finanças pessoais: Uma Metodologia para se adquirir Educação e Saúde Financeira**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2004.

VERDINELLI, Miguel Angel; LIZOTE, Suzete Antonieta. **Relações entre Finanças Pessoais e as Características dos Estudantes Universitários do Curso de Ciências Contábeis**. In: Congresso UFSC De Controladoria e Finanças, 5., 2014, Florianópolis. 2014.

Disponível em: <<http://dvl.ccn.ufsc.br/congresso/anais/5CCF/20140411013358.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2015.

VIANA FILHO, Hernani Velloso. **Opa, meu dinheiro não é capim. Salvador.** Idéia Livre, 2003.

VIEIRA, Saulo Fabiano Amancio; BATAGLIA, Regiane Tardiolle Manfre; SEREIA, Vanderlei José. **Educação financeira e decisões de consumo, investimento e poupança: uma análise dos alunos de uma universidade pública do norte do Paraná. Revista de Administração da Unimep**, Londrina, v. 9, n. 3, p.61-86, dez. 2011. Disponível em:<<http://www.raunimep.com.br/ojs/index.php/regen/article/view/345>> Acesso em: 26 maio 2015.

WISNIEWSKI, Marina Luiza Gaspar. **A importância da educação financeira na gestão das finanças pessoais: uma ênfase na popularização do mercado de capitais Brasileiro. Revista Intersaberes**, Curitiba, v. 6, n. 11, p.1-19, out. 2011. Disponível em: <<http://www.grupouninter.com.br/intersaberes/index.php/revista/article/view/32/0>>. Acesso em: 30 abr. 2015.
